

Relações humano-animal e a convivência com as secas no sertão do Nordeste brasileiro¹

Janice Alves Trajano (UFPeL/RS)

Guilherme Rodrigues de Rodrigues (UFPeL/RS)

Palavras-chave: estudos multiespécies, relações humano-animal, convivência com as secas.

Resumo: A seca se constitui como um desastre ambiental que tem agravamento antropogênico. Tentativas humanas de controle da paisagem do sertão a partir de métodos pouco adaptados ao meio exigem o uso de insumos que degradam o ambiente, trazem malefícios à saúde das pessoas e, ainda, não garantem a segurança alimentar da população. Nesse cenário, o presente texto trata-se de um projeto de pesquisa que propõe analisar relações humano-animal em situações de seca como desastre ambiental. O sertão é pesquisado há décadas por antropólogas/os brasileiras/os, versando sobre relações de trabalho, parentesco e constituição de patrimônio. No entanto, na última década, tem crescido na antropologia o interesse nos estudos multiespécies, assim como a perspectiva do antropoceno. Novas metodologias de produção e análise de dados conduzem a uma forma inovadora de compreensão do campo de pesquisa pretendido: o sertão paraibano.

1. Problema de pesquisa

O sertão da região Nordeste do Brasil é marcado historicamente pelas secas. Essa dificuldade de acesso à água, conseqüentemente, configura um desafio ao plantio de alimentos e à criação de animais. Algo que, por diversas vezes, traduziu-se em fome e sofrimento humano. Por essa razão, vê-se a necessidade de desenvolvimento de estratégias de convivência com o meio.

Durante muitos anos, utilizou-se o termo “combate às secas”, entretanto, mais recentemente, ocorreu uma mudança de paradigma, ou de ponto de vista ao tratar a questão passando-se a falar em “convivência” com a seca (CONTI; PONTEL, 2013). Ou seja, os humanos devem relacionar-se com o meio de forma potencialmente mais harmônica, entendendo-se que tentativas de sobreposição a elementos não humanos conjecturam um esforço que gera poucos resultados satisfatórios, seja para os não humanos, seja para os humanos, podendo mesmo agravar as situações de escassez. Por

¹ Trabalho apresentado na 33ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

esse motivo, a seca se constitui como um desastre ambiental que tem agravamento antropogênico.

As tentativas humanas de controle da paisagem do sertão a partir de métodos pouco adaptados ao meio exigem a utilização de insumos que degradam o próprio ambiente, trazem malefícios à saúde do trabalhador e do consumidor e, ainda, não garantem a segurança alimentar e nutricional da população. Enquanto isso, muitas vezes, as formas de cultivo e criação mais tradicionais se perdem devido à tecnificação da agricultura (ALTIERI, 2012), pautada por concepções limitadas sobre o desenvolvimento, alinhando-se a valores do capitaloceno².

O livro *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos (2020), ilustra de forma romanceada as possíveis formas em que as relações humano-animal se enlaçam durante uma grave seca. Um exemplo ocorre quanto a criação de gado, que na obra é colocado como um sinônimo da possibilidade ou impossibilidade de fixação das pessoas a um território, mediante o acesso às condições dignas de vida. Outro caso, é o do papagaio da família, que é morto para servir de alimento em uma necessidade extrema dos humanos.

No mesmo livro, há ainda a figura de Baleia, uma cachorra que é muitas vezes humanizada ao longo do enredo, passando por diversas dificuldades, as quais também humanos têm de vencer, mas é acometida por uma doença negligenciada, terminando por ser morta para evitar que os humanos fossem também acometidos pela doença ou que sofressem alguma injúria do animal (RAMOS, 2020).

Apesar das transformações ocorridas no sertão ao longo de mais de oitenta anos desde a publicação de *Vidas Secas*, muito deste debate sobre animais e humanos é atual e demanda atenção. A complexidade do tema exige diferentes visões e perspectivas de estudo. Assim, a partir do cenário acima descrito, chegamos ao seguinte questionamento: considerando a seca um desastre ambiental, como ocorrem as relações humano-animal nessas situações?

Tendo presente a problemática apresentada, este texto se refere a um projeto de pesquisa a ser desenvolvido, para o qual temos como principal objetivo: analisar as relações humano-animal em situações de seca como desastre ambiental. Somam-se a ele, o intuito de explorar o debate acadêmico sobre desastres ambientais e relação humano-

2 Termo de Andreas Malm e Jason Moore e tomado por Donna Haraway (2016) para tratar do período de domínio do capitalismo.

animal, bem como compreender as vivências de humanos e animais em situações de seca, e por fim, analisar os dados de campo à luz da literatura científica correlata.

2. Referencial teórico

O sertão já vem sendo pesquisado há décadas por antropólogas e antropólogos brasileiros, especialmente na Antropologia Rural, versando sobre as relações de trabalho, de parentesco e de constituição de patrimônio, a exemplo dos trabalhos de Beatriz Heredia (1979), Maria Ignez Paulilo (1987), Ellen Woortmann (1995), e Ana Claudia Marques (2002). No entanto, ao longo dos últimos dez anos, tem crescido na antropologia o interesse de pesquisas com aproximação multiespécies, assim como na dedicação ao estudo do antropoceno. As novas metodologias de construção e análise de dados conduzem a uma forma inovadora de compreensão do campo de pesquisa proposto: o sertão paraibano. Assim, novas contribuições para a ciência e para a sociedade podem emergir.

Para Anna Tsing (2019), as ruínas estão por toda parte e delas surgem novas vidas multiespécies e multiculturais. A precariedade, que, assim como as ruínas, decorre do antropoceno, demanda o esforço de encontrar as animações, apesar da aparência de ausência de vida. O antropoceno pode ser caracterizado como a era em que os humanos perturbam o meio, gerando extinções em massa, emergências e provocando encontros que provavelmente não ocorreriam, não fossem essas perturbações. Anna Tsing (2019) chama a atenção para o ocupar as ruínas do antropoceno. De forma que o ocupar é compreendido como o trabalho de conviver, ou de contestar, em outros casos. A observação e a produção de pesquisas são formas de ocupação.

Durante a elaboração da dissertação de mestrado da primeira autora deste texto, intitulada “Transição agroecológica no sertão nordestino: um estudo de caso”, foram observadas as formas que os seres não humanos, incluindo os animais, se inserem na dinâmica familiar no meio rural (TRAJANO, 2021). Entretanto, a pergunta de partida deste projeto orbita o questionamento sobre como podem se dar esses arranjos multiespécies em situações de seca, ou de ruínas do antropoceno.

A proposta que pretendemos ter aproximação é a de que é possível encontrar novas perspectivas de análise do mundo ao compreender as *assemblages*, ou composições, que configuram as diversas paisagens formadas por seres humanos e não humanos em uma

sobrevivência colaborativa, de modo que a existência de um se constitui na existência do outro (HARAWAY, 2016; TSING, 2015).

Voltando-nos aos estudos com animais, Vinciane Despret (2016) chama a atenção para a possibilidade de humanos, incluindo aqueles pesquisadores, se transformarem com os animais, em *co-becoming*, reconhecendo a potencialidade deles como seres que possuem capacidades distintas das humanas. O cuidado, a atenção e a responsabilidade dessas relações são agregadoras ao debate sobre a ética da reciprocidade ecológica.

Considerando que todos os seres constroem suas vidas em relações entre diversas espécies, Van Dooren et al (2016) apontam que as histórias entrelaçadas compõem um mundo maior. Isso implica em criações de teias de ordens linguísticas, gestuais e bioquímicas, entre outras. Dessa forma, o conhecimento constituído no âmbito das ciências da natureza tem grande contribuição, mas ainda pode ser extrapolado. Assim como os conhecimentos das ciências humanas podem ir além, incorporando uma multiplicidade de vidas não humanas aos debates sobre questões de estrutura social, como o colonialismo, o capitalismo e as desigualdades emergentes.

Eduardo Kohn (2016) sugere uma antropologia da vida que abrange relações humano-animal de forma mais que cultural, incluindo a dimensão biológica, mas que essa não se restrinja aos corpos. A comunicação, as políticas, negociações e maneiras de exceder os limites de ser humano ou de ser animal são aspectos relevantes para serem explorados.

Por fim, Donna Haraway (2016) utiliza o termo “chtulucene” para categorizar uma forma de encontrar o espaço para apreender a permanecer com o problema, desenvolvendo “response-ability”, ou a habilidade de respostas, ao lidarmos com uma Terra ferida. Desses pressupostos, encontraremos reflexões relevantes, em especial para o estudo das formas de composições multiespécies nas secas do sertão.

3. Percursos metodológicos

Nesta seção serão introduzidas as formas a serem utilizadas para responder aos questionamentos de partida e para atender aos objetivos da pesquisa. Tratam-se de percursos devido aos movimentos demandados para essa execução, os quais não são necessariamente lineares. Buscamos nos aproximar dos pressupostos de Tim Ingold (2017) sobre as distinções entre fazer etnográfico e fazer antropológico. Para o autor, o

fazer antropológico requer a exploração das condições e possibilidades de vida, de forma aberta e crítica, sem encerramentos ou soluções.

Inicialmente, será realizada uma revisão de literatura, a fim de levantar o estado da arte da temática e, com isso, atender ao primeiro objetivo específico. Serão utilizados livros e artigos de periódicos que discorram sobre as interações entre seres humanos e não humanos, bem como sobre desastres ambientais.

Pela proposta deste projeto comprometer-se com a perspectiva multiespécies, cabe aqui apresentá-la. Entende-se que os estudos multiespécies têm buscado o rompimento com o antropocentrismo, colocando sob luz inclusive saberes de povos e culturas que concebem os domínios humano e natureza de forma imbricada. Com esse referencial, são reformuladas proposições acerca de questões como o colonialismo, o capitalismo e seus entrelaçamentos (SUSSEKIND, 2018).

Dentro das ciências sociais, essa perspectiva é inovadora e recente, uma vez que a fundação delas remonta à influência de ciências modernas ocidentais, em um período histórico de valorização da racionalidade humana e do excepcionalismo humano. Estes, muitas vezes direcionados a uma humanidade ocidental, europeia, e portanto, há um antropocentrismo também etnocêntrico, mais especificamente, eurocêntrico (SUSSEKIND, 2018; GROSGUÉL, 2016).

Nesse cenário científico, os animais comumente são colocados à margem das teorizações sobre o mundo, sobre as organizações sociais e sobre a vida política. Os seres não humanos acabam por serem objetificados e o interesse por eles restrito ao interesse pelas suas funções ou à sua serventia para os humanos (SUSSEKIND, 2018). Não à toa, uma das estratégias de colonização e de subjugação de seres humanos é a atribuição de características e comportamentos não humanos a humanos. A animalização de humanos fora do eixo privilegiado por essa epistemologia etnocêntrica é utilizada como justificativa para a exploração deles (SAHLINS, 2003; INGOLD, 1995, GROSGUÉL, 2016).

Voltando à nossa proposta de trabalho de campo, para atender ao segundo objetivo específico, será realizada uma pesquisa no sertão paraibano, a qual será melhor apresentada mais adiante. A observação participante, entrevistas não estruturadas e análise de documentos farão parte das técnicas a serem utilizadas na pesquisa. Ao término da construção e análise dos materiais decorrentes do trabalho de campo, os resultados da

presente pesquisa serão refletidos à luz de estudos semelhantes já publicados. Desta forma, adequando-se ao objetivo específico de número três.

A pesquisa será inserida no interior do estado da Paraíba, nos municípios de Pombal, Patos e Malta. A escolha do local justifica-se pela viabilidade da pesquisa e pela coerência com o objetivo principal. Outros municípios podem ser alcançados conforme o avanço do trabalho de campo.

No sertão paraibano, existem diversas áreas de desertificação e, segundo Silva Neto (2015), no município de Pombal o processo tem se intensificado, tornando mais vulnerável o território e a população que nele vive. As terras secas são vistas pelos humanos como não merecedoras de confiança ou cuidado, o que contribui para o agravamento da situação do lugar.

A observação participante em campo será acompanhada de entrevistas não estruturadas com as pessoas da comunidade e com pessoas que trabalham nas área da saúde e do meio ambiente dos municípios que farão parte da composição da investigação. Animais de múltiplas espécies também serão acompanhados. Esses dados serão armazenados em diários de campo, para posterior análise de conteúdo.

De acordo com Peirano (2014), para uma boa pesquisa, é necessário ir além da compreensão referencial da linguagem. Em outras palavras, é preciso investigar os modos de construir a vida a partir das múltiplas formas de linguagem, de forma que as palavras proferidas em uma entrevista, por exemplo, fazem parte de um conjunto de ações a serem identificadas, descritas e analisadas. O que inclui ainda os “não ditos”, os silêncios e os espaços.

O mesmo tratamento será realizado com os documentos coletados, como mapas, fotografias, cadernos ou outros documentos que possam surgir ao longo da pesquisa de campo como relevantes para a compreensão do tema de pesquisa. Esses registros dispostos nos dois parágrafos anteriores passarão por fases de análise prévia, exploração do material e tratamento dos resultados e interpretação, contando com a comparação do conjunto.

Apesar da possibilidade de contarmos com o intermédio de pessoas conhecidas pela comunidade, nos apresentaremos como estudantes e faremos uma explanação sobre o projeto às pessoas participantes, explicitando especialmente os objetivos e os métodos

da investigação. O fato de existir uma pessoa mediadora possui vantagens, mas também desvantagens, como a possibilidade de enviesamento de respostas. A devida apresentação pessoal e do projeto e podem evitar que isso aconteça.

Uma questão frequente em investigações que contam com entrevistas ou análise de documentos concerne ao uso ou não do anonimato dos interlocutores no texto. Fonseca (2008) chama a atenção para a complexidade da garantia da não identificação das pessoas que estarão presentes no texto, bem como para o fato de os desdobramentos do não anonimato não serem controláveis em sua totalidade e, ainda, para as justificativas sobre a escolha da divulgação dos nomes envolvidos. Com base nesses tensionamentos, a princípio nos propomos a dialogar com as pessoas com quem conversaremos, de forma que elas escolham pelo anonimato ou não.

A despeito da previsão de possíveis empecilhos e suas respectivas precauções ou soluções, devemos reconhecer que ainda podem existir chances de emergência de dilemas éticos durante qualquer uma das fases de desenvolvimento da pesquisa, ou mesmo posteriormente a elas. Como foi o caso relatado por Marques e Villela (2005), sobre repercussões da publicação de uma pesquisa executada por eles. Os autores demonstram que, ao investigador, nem sempre é possível estar absolvido de acusações, pois conflitos e heterogeneidades fazem parte de todo o campo social.

4. Resultados esperados

A relevância da pesquisa proposta pode ser percebida a partir do fortalecimento da literatura na área, ampliando a gama de estudos com abordagem multiespécies, sobre as relações humano-animal em desastres ambientais e sobre os modos de vida em situações de seca. Esse argumento ainda se desenvolve no papel da manutenção da temática nos meios científicos, na atualização da mesma e na possibilidade de expansão da discussão.

Há também a importância da valorização do debate em torno da promoção da justiça social e ambiental, incluindo os animais, além da discussão sobre segurança alimentar e nutricional, o que favorece as pessoas que vivem em regiões afetadas pela seca, as relações entre campo e cidade, a economia local, a saúde pública, a diversidade cultural, a manutenção do bioma, entre outros fatores relacionados.

5. Referências

- ALTIERI, M. **Agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável**. São Paulo, Rio de Janeiro: Expressão Popular. 3. ed. 2012.
- CONTI, I. L.; PONTEL, E. Transição paradigmática na convivência com o semiárido. In: CONTI, I. L.; SCHROEDER, E. O. (orgs.) **Convivência com o Semiárido Brasileiro: Autonomia e Protagonismo Social**. Editora IABS: Brasília, 2013.
- DESPRET, V. O que diriam os animais se...Tradução: Cícero de Oliveira. **Chão da feira**. n. 45, mai. 2016.
- FONSECA, C. O anonimato e o texto antropológico: dilemas éticos e políticos da etnografia “em casa”. **Teoria e Cultura**, v. 2, n. 1 e 2, jan./dez., p. 39 – 53, 2008.
- GROSGOUEL, Ramon. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. **Sociedade e Estado**. v. 31, n. 1, jan-abr. 2016.
- HARAWAY, D. J. **Staying with the trouble: making kin in the chthulucene**. Durham and London: Duke University Press, 2016.
- HEREDIA, B. M. A. **A morada da vida: trabalho familiar de pequenos produtores no Nordeste do Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1979.
- INGOLD, Tim. Humanidade e Animalidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, ano 10, n. 28, 1995.
- INGOLD, T. Antropologia versus etnografia. Tradução: Rafael Antunes Almeida. **Cadernos de campo**, n. 26, v. 1, 2017.
- KOHN, E. Como os cães sonham: naturezas amazônicas e as políticas do engajamento transespécies. **Ponto Urbe**. n. 19, 2016.
- MARQUES, A. C. **Intrigas e questões: vingança de família e tramas sociais no sertão de Pernambuco**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2002.
- MARQUES, A. C.; VILLELA, J. M. O que se diz, o que se escreve. **Revista de Antropologia**, v. 48, n. 1, 2005.
- PAULILO, M. I. S. O peso do trabalho leve. **Revista Ciência Hoje**, v. 5, n. 28, p. 64 - 70, fev. 1987.
- PEIRANO, M. Etnografia não é método. **Horizontes antropológicos**, ano 20, n. 42, p. 377-391, jul./dez., 2014.
- RAMOS, G. **Vidas secas**. Rio de Janeiro: Record, 2020.
- SAHLINS, Marshall. **Cultura e razão prática**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- SUSSEKIND, F. Sobre a vida multiespécies. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**. N. 69, p. 159-176, 2018.
- TRAJANO, J. A. **Transição agroecológica no sertão nordestino: um estudo de caso**. 112 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação Associado em Antropologia UFC/UNILAB, Universidade Federal do Ceará, Universidade da Integração da Lusofonia Afrobrasileira, Fortaleza, Redenção, 2021.

TSING, A. L. **The mushroom at the end of the world:** on the possibility of life in capitalist ruins. Princeton: Princeton University Press, 2015.

TSING, A. L. **Viver nas ruínas:** paisagens multiespécies no antropoceno. Brasília: IEB Mil Folhas, 2019.

VAN DOOREN, Thom; KIRSKEY, Eben; MÜNSTER, Ursula. Estudos multiespécies: cultivando artes de atenção. Tradução de Susana Dias. **ClimaCon Cultura Científica** – pesquisa, jornalismo e arte. ano 3, n. 7, dez. 2016.

WOORTMANN, E. F. **Herdeiros, parentes e compadres:** colonos do Sul e sitiados do Nordeste. São Paulo: HUCITEC, 1995.